



LIÇÃO 05

03 de Agosto de 2025
3º TRIMESTRE 2025
ADULTOS

Murilo Alencar

Uma Igreja cheia de Amor

Esboço Da Lição 05

Do 3º Trimestre

De 2025

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

A IGREJA EM JERUSALÉM
Doutrina, Comunhão e Fé: A Base para o Crescimento da Igreja em meio às Perseguições

Domingo, 03 de agosto 2025

UMA IGREJA CHEIA AMOR

A narrativa de Atos 4 apresenta uma igreja cujo amor cristão era o princípio organizador da vida e da convivência entre os crentes. A generosidade não foi imposta, tampouco ocasional, mas voluntária e constante. Nesta lição, observamos como a presença do Espírito Santo produziu uma igreja sensível, onde a comunhão se expressava em ações concretas. Trata-se, portanto, de um modelo eclesiológico que desafia a prática cristã em qualquer tempo e cultura.

TEXTO ÁUREO

Todos os que creram pensavam e sentiam do mesmo modo. Ninguém dizia que as coisas que possuía eram somente suas, mas todos repartiam uns com os outros tudo o que tinham. (At 4.32 NTLH).

Essa passagem está inserida em uma seção narrativa do livro de Atos (2–6), na qual Lucas descreve o crescimento e a vida coletiva da igreja primitiva em Jerusalém.

O texto em análise apresenta um ideal, resultado da obra do Espírito no coração dos crentes. Esse ideal se expressa em pelo menos quatro áreas:

1. Unidade: “um só coração e uma só alma”.
2. Desapego dos bens: ninguém dizia que algo era “seu”, pois via seus recursos como bênçãos para repartir.
3. Generosidade: o texto seguinte (4.34–35) mostra que havia distribuição conforme a necessidade.
4. Testemunho visível: esse estilo de vida impactava os de fora e fortalecia a comunhão interna.

Embora o ideal seja exaltado, o texto bíblico logo mostra que a realidade da igreja visível é marcada por falhas, tensões e desafios éticos. Duas observações se destacam:

Em primeiro lugar, destacam-se os inúmeros problemas internos. Logo após o relato, Lucas narra a história trágica de um casal que fingiu compartilhar tudo, mas mentiu. Temos o problema de Atos 6, onde os bens não estavam sendo repartidos corretamente e a pobreza que assolou a igreja.

Em segundo lugar, a presença dos aproveitadores. A generosidade da igreja primitiva correu o risco de ser explorada. Em outras cartas, como 2 Tessalonicenses, Paulo adverte contra aqueles que se recusavam a trabalhar, mas desejavam viver à custa dos irmãos. Ele afirma: “se alguém não quer trabalhar, também não coma” (2Ts 3.10).

Não podemos ignorar o modelo bíblico de partilha e vida comum, mas também não devemos romantizar ou tentar replicar mecanicamente uma prática que pertenceu a um contexto histórico específico. O desafio é traduzir o princípio em ações fiéis, **prudentes** e **coerentes** com a verdade do evangelho.

VERDADE PRÁTICA

O amor é o elo que mantém a unidade da igreja local. Sem o amor, não existe relacionamento cristão saudável.

Nenhum mandamento de Deus pode ser ignorado. Como Criador, Ele exige obediência completa. Quando Jesus foi questionado sobre qual é o maior mandamento, respondeu que o mais importante é amar a Deus com todo o ser e, em seguida, amar o próximo como a si mesmo (Mc 12.30-31).

O amor é o princípio que sustenta toda a vida cristã. Ele organiza nossas virtudes, dá sentido ao nosso comportamento e torna a obediência verdadeira e livre. Sem amor, qualquer prática religiosa perde valor diante de Deus, que se importa tanto com nossas ações quanto com nosso caráter.

Antes de chamar a Igreja para pregar, Deus a convoca para o exercício do amor. Visto que o amor é o elo que mantém a igreja unida, em nenhuma hipótese, ele deve ser negligenciado.

Imagine um prédio imponente, construído com as melhores técnicas e materiais. Esse edifício tem paredes fortes, pilares firmes, janelas belas e portas seguras. Contudo, todo esse edifício desabaria rapidamente se não tivesse uma base sólida, um fundamento estável. Assim é o amor na vida cristã. Podemos ter conhecimento bíblico, práticas religiosas corretas e moralidade exemplar, mas sem o amor verdadeiro, tudo desmorona. O amor é o fundamento que sustenta e dá sentido à nossa fé, à nossa obediência e à nossa comunhão com Deus e com os outros.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

1. O AMOR MANIFESTADO NA COMUNHÃO CRISTÃ

1.1 O crescimento da Igreja Cristã.

A LIÇÃO DIZ: *Nesse ponto de sua narrativa, Lucas se refere à igreja como a “multidão dos que criam” (v.32). Essa expressão pode ser entendida com o sentido de um “grande número” ou “assembleia”. A Igreja que havia começado com 120 discípulos, agora é uma grande multidão. Uma igreja pequena possui a mesma natureza e essência de uma igreja grande. Assim como uma igreja grande, uma pequena igreja também enfrenta seus problemas e desafios. Contudo, os desafios e problemas de um grande povo são maiores em proporção em relação a uma pequena. Eles se tornam mais complexos e, portanto, mais desafiadores.*

A congregação dos que criam havia crescido tão rapidamente que já não podia ser numerada. Esse crescimento extraordinário foi resultado direto do que é registrado no versículo 31, quando aqueles que foram "cheios do Espírito Santo [...] anunciavam com ousadia a palavra de Deus".

O texto descreve um dos períodos mais notáveis da igreja em Jerusalém. Contudo, o pastor José Gonçalves chama a atenção para as dores associadas ao crescimento. Nenhum processo de expansão ocorre sem o surgimento de desafios. O crescimento da igreja, embora desejável, traz consigo tensões que exigem maturidade, discernimento e firmeza doutrinária para serem superadas.

Dessa forma, apresentam-se a seguir alguns dos problemas enfrentados pela igreja que cresce:

- 1.1.1 Dificuldade em preservar a unidade espiritual. Com o aumento do número de membros, torna-se mais difícil manter uma comunhão verdadeira entre todos. O risco de fragmentações internas, formação de grupos fechados e conflitos por preferências pessoais aumenta significativamente.
- 1.1.2 Fé superficial. O crescimento numérico, muitas vezes, não é acompanhado por um crescimento espiritual proporcional.
- 1.1.3 Sobrecarga da liderança pastoral. À medida que a demanda por cuidado espiritual aumenta, pastores e líderes podem ser sobrecarregados. A necessidade de aconselhamento, visitas, discipulado, administração e ensino se torna mais intensa.
- 1.1.4 Complexidade organizacional. Uma igreja pequena pode funcionar de maneira mais simples e espontânea. Contudo, à medida que cresce, surgem demandas organizacionais inevitáveis: gestão de espaço, comunicação interna, ministérios diversificados, divisão por faixas etárias, controle financeiro e planejamento de atividades.

1.2 Os desafios do crescimento.

A LIÇÃO DIZ: *Assim, vemos a Igreja de Jerusalém crescer em escala geométrica. Ela se multiplicava (At 6.7) e com isso os desafios também eram maiores. Como essa igreja, que até pouco tempo não passava de um pequeno número, se comportaria com o novo formato adquirido?*

Apontamentos necessários:

Em primeiro lugar, é comum que observadores externos se apressem em apontar falhas, criticar ou sugerir soluções simplistas para os problemas da igreja. No entanto, tais dificuldades são plenamente compreendidas apenas por aqueles que participam ativamente das demandas do corpo de Cristo.

Em segundo lugar, não se deve ignorar nem dissimular a existência dos problemas. Eles precisam ser reconhecidos e enfrentados com sabedoria e responsabilidade.

Em terceiro lugar, os problemas não devem desviar a igreja dos fundamentos essenciais de sua fé. Caso a igreja negligencie a Palavra de Deus e a oração na tentativa de resolver suas dificuldades, acabará gerando conflitos ainda maiores do que os inicialmente enfrentados. Permanecer firme nos fundamentos espirituais é indispensável para que as soluções sejam consistentes e agradáveis a Deus.

Em quarto lugar, as atividades da igreja não devem estar concentradas em uma única pessoa. É necessário que líderes sejam separados com base em princípios bíblicos e devidamente preparados à luz da Palavra de Deus para o exercício do ministério.

Por fim, é em Cristo, no amor fraternal e na unidade do corpo que a igreja encontra a base sólida para enfrentar todas as dificuldades.

Textos sobre a responsabilidade mútua dos cristãos:

- “Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros.” (Jo 13.34,35).
- “Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros.” (Rm 12.10).
- “Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor.” (Gl 5.13).
- “Com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz.” (Ef 4.2,3).
- “Consolai-vos uns aos outros e edificai-vos reciprocamente, como também estais fazendo.” (1Ts 5.11).
- “Consideremo-nos também uns aos outros para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns.” (Hb 10.24,25).
- “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor.” (1Jo 4.7,8).

1.3 A vida interior.

A LIÇÃO DIZ: *A expressão “era um o coração e a alma” (At 4.32) mostra a igreja em sua essência, revelando sua união interna. O Espírito Santo capacitou poderosamente os cristãos para cumprir a missão fora da igreja (At 1.8), para a tarefa do evangelismo (At 4.31,33; 8.6,7), mantendo os crentes unidos internamente.*

“Da multidão dos que creram era um o coração e a alma”. Isto é, todos os crentes tinham os mesmos pensamentos (“coração”) e os mesmos desejos (ou a mesma disposição) (“alma”).

O texto aparece assim em algumas traduções mundo a fora: “Todos os crentes, que eram muitos, pensavam e sentiam da mesma maneira”; “... tinham a mesma maneira de pensar e de sentir”. “Eram como se fossem uma só pessoa nos seus pensamentos e nos seus desejos”; ou, “Todos pensavam a mesma coisa e queriam a mesma coisa”.

Essa união gerou frutos evidentes. Em primeiro lugar, foi pela unidade interna que a evangelização se fortaleceu. A proclamação do evangelho feita com ousadia (At 4.31,33) era sustentada pela integridade da comunhão. O êxito evangelístico se dava por meio da unidade. Uma igreja dividida não evangeliza com poder, porque seu testemunho contradiz a mensagem do Evangelho.

Em segundo lugar, essa união fortaleceu a vida comunitária. A igreja cresceu não apenas numericamente, mas em discipulado, mutualidade e testemunho. Os que criam se tornavam parte de um corpo vivo, e aprendiam a viver o evangelho no cotidiano, em amor e fraternidade.

Por fim, essa união era visível ao mundo. O testemunho externo da igreja era marcado não por triunfalismo, mas por comunhão verdadeira. O mundo via e reconhecia que aquele povo vivia de modo diferente.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

2. O AMOR COMO MANIFESTAÇÃO DA GRAÇA

2.1 A graça como manifestação do Espírito.

A LIÇÃO DIZ: *O melhor ambiente para a manifestação dos dons do Espírito é em uma igreja onde o amor de Deus está presente. Lucas nos informa que “os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus” (At 4.33). O contexto nos mostra que o Espírito opera em um ambiente que lhe é propício, isto é, onde a igreja está banhada no amor cristão.*

Observe no versículo 33 duas marcas de excelência de uma igreja: **grande poder** e **abundante graça**. Vance Havner relaciona outras quatro características: grande temor (5.5,11); grande perseguição (8.1); abundante alegria (8.8; 15.3); e um grande número de cristãos (11.21).

A ressurreição do Senhor Jesus era o tema central da pregação apostólica (cf. At 2.24, 32; 3.15; 5.30; 10.40; 13.30, 33, 34, 37). Apesar de saberem que essa ênfase ofendia profundamente as autoridades judaicas, os apóstolos nunca ocultaram a verdade para evitar tal ofensa. Essa postura firme contrasta com a prática de muitos setores da igreja atual. Em nome da contextualização, termo frequentemente usado para suavizar a acomodação ao mundo, a mensagem do evangelho é despojada de tudo aquilo que possa ser considerado ofensivo. No entanto, os incrédulos precisam ser confrontados em seu pecado, pois, se não forem, jamais se voltarão a Cristo.

Sobre o “grande poder”. Tratava-se de poder divino manifesto em seu mais alto grau, operando por meio dos apóstolos. O termo grego utilizado é *megá dýnamis*, isto é, “grande poder”. Essa expressão caracteriza de forma marcante a pregação e o testemunho apostólicos (cf. At 1.8), por pelo menos três razões fundamentais:

- 2.1.1 O testemunho apostólico estava solidamente fundamentado na Palavra de Deus (v. 29), com a convicção de que ela fora inspirada pelo Espírito Santo.

- 2.1.2 Os discípulos estavam plenamente conscientes de que haviam sido enviados e comissionados pelo próprio Jesus Cristo, o Senhor ressurreto (v. 33).
- 2.1.3 O poder do Espírito Santo, operando intensamente por meio dos discípulos (v. 31), produzia profunda convicção nos corações dos ouvintes quanto ao pecado, à justiça de Cristo e ao juízo divino (cf. Jo 16.8).

O mesmo poder do alto continua disponível à igreja contemporânea. Onde o Espírito Santo opera com liberdade e autoridade, ali também haverá ousadia na proclamação, convicção nos corações e frutos visíveis da ação divina.

2.2. A graça como favor imerecido.

A LIÇÃO DIZ: *Há ainda um outro aspecto da graça de Deus revelada neste texto: “em todos eles havia abundante graça” (At 4.33). Isso significa que a graça de Deus estava manifestada tanto nos apóstolos como em toda a igreja. Esse texto não se encontra deslocado, mas é posto aqui com o propósito de mostrar a razão ou motivo daquele contagiante ambiente cristão. Uma igreja dinâmica, que demonstra amor para com seu próximo e na qual o Espírito Santo se manifesta de forma abundante, é uma igreja que reflete a graça de Deus.*

Como resultado da pregação poderosa dos apóstolos, abundante graça estava sobre todos eles. A palavra “graça”, no sentido de favor, pode ser entendida de duas formas. Primeiramente, como em Atos 2.47, pode referir-se ao favor do povo. Embora os líderes religiosos se opusessem aos apóstolos, o povo comum ainda não havia se voltado contra eles. Pelo contrário, ficava impressionado com o amor e a unidade entre os crentes. Em segundo lugar, e mais importante, a igreja primitiva contava com o favor de Deus. A comunhão caracterizada por amor, unidade e zelo evangelístico é sempre acompanhada pelas bênçãos divinas.

Diante do exposto, é possível afirmar que:

- 2.2.1 Na linguagem popular, especialmente no contexto evangélico brasileiro, muitos usam a expressão “tô só a graça” para se referirem a um estado de fraqueza, desânimo ou até mesmo caos pessoal. Porém, esse uso está em completo contraste com o sentido bíblico da graça, especialmente conforme vemos em Atos 4.33. A menção de “abundante graça” no contexto do testemunho apostólico mostra que a graça de Deus não é apenas perdão, mas força capacitadora para a proclamação ousada do evangelho.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

3. A MANIFESTAÇÃO DO AMOR NA SOLIDARIEDADE CRISTÃ

3.1 A busca pela equidade.

A LIÇÃO DIZ: *O Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa conceitua “equidade” como a “disposição de reconhecer igualmente o direito de cada um”. Assim, diferentemente da igualdade, a equidade não enxerga as pessoas como sendo todas iguais e, por isso, busca formas de ajustar o desequilíbrio entre elas. Em Jerusalém não havia nivelamento social, nem todos possuíam as mesmas condições. Havia pessoas mais abastadas, e havia pobres também. Estes, geralmente, em maior número. Logo, a igreja demonstrou ser sensível a essa realidade, procurando tratar dessa situação (At 4.34), sendo solidária com a situação dos menos favorecidos.*

O texto bíblico diz:

Não havia nenhum necessitado entre eles, porque os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e os depositavam aos pés dos apóstolos; então se distribuía a cada um conforme a sua necessidade. (At 4.34,35 NAA).

A expressão “nenhum deles” mostra que essa atitude era característica de todos os crentes. Todos entenderam que tudo o que possuíam pertencia a Deus e que haviam recebido esses bens como mordomos, para administrar conforme a vontade divina. Assim, quando surgia uma necessidade, sentiam-se obrigados a usar os recursos dados por Deus para supri-la.

Um teste muito prático do amor cristão é o quanto alguém está disposto a sacrificar financeiramente. Tiago pergunta: *“Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e necessitarem do alimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: ‘Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos’, mas não lhes der o necessário para o corpo, que proveito há nisso?”* (Tg 2.15–16).

O apóstolo João vai ainda mais direto ao ponto: *“Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhe fechar o coração, como permanece nele o amor de Deus?”* (1Jo 3.17).

O resultado prático da demonstração de amor em Jerusalém foi que *“não havia entre eles necessitado algum”*.

Conclui-se que:

- 3.1.1 É necessário avaliar se, ao ajudarmos alguém, estamos realmente demonstrando amor ou apenas aliviando a consciência. Muitos doam apenas o que sobra, o que não usam mais, o que perderia o valor de qualquer forma. No entanto, a igreja em Jerusalém entregava aquilo que tinha valor. Eles vendiam propriedades e traziam os recursos para o sustento dos necessitados. Generosidade bíblica envolve sacrifício, não conveniência.
- 3.1.2 Muitos crentes vivem como se tudo o que têm fosse para consumo próprio. Organizam a vida para poupar, viajar, reformar, investir, mas não colocam nem 5% da mesma energia para socorrer quem passa necessidade. Na igreja de Jerusalém, ninguém retinha o que poderia suprir o outro. Eles não pensavam só em “ter”, mas em “compartilhar”. A pergunta é simples: você consegue cortar alguma coisa do seu orçamento para incluir alguém que precisa?

- 3.1.3 Uma igreja que arrecada muito, mas gasta quase tudo com estrutura, som, reforma, mídia e estética, enquanto ignora irmãos que enfrentam desemprego, abandono ou necessidades básicas, precisa urgentemente reavaliar suas prioridades.

3.2 Propriedade e compartilhamento.

A LIÇÃO DIZ: *Estudiosos observam que a igreja de Jerusalém vivia uma comunidade de compartilhamento, não de domínio. Os crentes mantinham a propriedade de seus bens, mas os disponibilizavam conforme a necessidade de cada um.*

Alguns interpretam essa prática como uma forma de comunismo primitivo. No entanto, conforme visto em Atos 2.44–46, isso não é correto. O uso do pretérito imperfeito indica uma prática contínua, e não um ato único e obrigatório de redistribuição de riqueza. Além disso, Atos 12.12 mostra que crentes ainda possuíam casas, e as palavras de Pedro a Ananias em Atos 5.4 confirmam que a venda de bens era voluntária. O destaque positivo dado a Barnabé por sua generosidade também reforça esse ponto: se fosse obrigatório, não haveria elogio. Ademais, não há registro de que outras igrejas tenham seguido esse modelo.

Ryrie comenta:

Não se trata de “comunismo cristão”. A venda dos bens era absolutamente voluntária (v. 34). O direito à propriedade particular não foi abolido. A comunidade só controlava os recursos a partir do momento em que estes haviam sido entregues voluntariamente aos apóstolos. A distribuição não era feita de maneira uniforme, mas de acordo com a necessidade. Não se trata de princípios comunistas, e sim da mais excelente demonstração de caridade cristã.

3.3 Um exemplo da voluntariedade.

A LIÇÃO DIZ: *O texto bíblico deixa claro que havia voluntariedade nos crentes em ajudar uns aos outros. Havia uma consciência de pertencimento e, por isso, ninguém deseja ver o outro excluído. Isso era a manifestação do grande amor de Deus derramado nos corações daqueles crentes.*

Vamos concluir em tom de advertência e exortação. Vou parafrasear as palavras do pastor José Gonçalves registradas no livro de apoio.

Três aspectos fundamentais podem ser destacados na igreja de Jerusalém: (1) a supervisão apostólica, (2) a voluntariedade dos crentes e (3) a prática da solidariedade. Esses elementos aparecem de forma clara na narrativa e oferecem lições relevantes para a vida da igreja contemporânea.

- 3.3.1 Em primeiro lugar, a voluntariedade deve caracterizar o serviço cristão, tanto na esfera social quanto na dimensão missional. Embora alguns possam receber apoio financeiro para o desempenho de determinadas tarefas, tal remuneração não deve ser sua motivação principal. Quando o interesse material ocupa o lugar da obediência a Deus, o serviço torna-se deficiente e esvaziado de sentido espiritual. Isso não significa que a remuneração seja indevida, mas sim que o desejo de agradar a Deus deve ocupar o centro da motivação.

- 3.3.2 Em segundo lugar, além da voluntariedade, há a necessidade de possuir-se um espírito solidário. Uma igreja que não é solidária na sua essência deixou de ser Igreja. Por natureza, uma igreja necessita ser solidária.
- 3.3.3 Em terceiro lugar, toda igreja precisa de supervisão responsável. Os apóstolos atuavam como administradores fiéis das necessidades da igreja, zelando com sabedoria pelos bens e pelas decisões da congregação. A má gestão pode comprometer não apenas os recursos da igreja, mas também sua unidade e credibilidade. Em muitos casos, os maiores problemas enfrentados por igrejas não têm origem nos membros, mas na má administração de seus líderes.

Aqueles que recebem autoridade para gerir o que lhes é confiado, especialmente no que se refere a recursos financeiros devem fazê-lo com responsabilidade e total transparência. A ausência de prestação de contas pode gerar desconfiança, insatisfação e murmuração no seio da igreja. Por isso, a liderança deve primar por uma gestão ética, transparente e orientada pelos princípios das Escrituras.

CONCLUSÃO

A igreja de Jerusalém demonstrou que o amor cristão, quando operado pela graça de Deus, gera unidade, desprendimento e responsabilidade mútua. A partilha de bens, o cuidado com os necessitados e a firmeza doutrinária não foram resultados de imposição externa, mas fruto da ação do Espírito Santo entre os crentes. Ainda que enfrentasse tensões internas e riscos de exploração, manteve-se firme na obediência à verdade do evangelho. A lição central não está na reprodução literal do modelo, mas na aplicação coerente de seus princípios.

ABRA JAULA – PB MURILO ALENCAR

REFERÊNCIAS

- GONÇALVES, José. **A igreja em Jerusalém: doutrina, comunhão e fé: a base para o crescimento da igreja em meio às perseguições.** Rio de Janeiro: CPAD, 2024.
- ALISSON, Greg. **Eclesiologia.** São Paulo: Vida Nova, 2021.
- OSBORNE, Grant. **Atos dos Apóstolos.** Natal, RN: Carisma, 2022.
- LOPES, Hernandes Dias. **Atos: a ação do Espírito Santo na vida da Igreja.** São Paulo: Hagnos, 2012.
- STOTT, Jonh. **A mensagem de Atos: até os confins da terra.** 1. ed. São Paulo: ABU Editora, 1994.
- STAMPS, Donald C. (Org.). **Bíblia de Estudo Pentecostal: Bíblia Sagrada.** Tradução de João Ferreira de Almeida, revista e corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- TENNEY, Merrill C. (Ed.). **Comentário Bíblico Pentecostal do Novo Testamento.** Tradução de Luís Aron de Macedo e Degmar Ribas Júnior. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- WILLIAMS, David J. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo: Atos.** São Paulo: Editora Vida, 1996.
- KEENER, Craig S. **Comentário Exegético Atos: introdução e 1.1–2.47.** 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.